

Juliana Alves de Andrade | Nilton Mullet Pereira (Orgs.)

Ensino de História

e suas práticas de pesquisa



2ª edição – E-book

Juliana Alves de Andrade é licenciada, mestra e doutora em História. Desde 2007 pertence ao Corpo Docente da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), atuando nos cursos de Licenciatura em História e Pedagogia, nas disciplinas do campo do Ensino de História. É professora do Mestrado Profissional em Ensino de História/Profhistória/UFPE. Atualmente, coordena o Grupo de Pesquisa intitulado “Núcleo de Estudos e Pesquisas em História, Educação e Culturas-NEPHECs”, onde desenvolve pesquisas sobre Avaliação da Aprendizagem em História.

Nilton Mullet Pereira é licenciado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992), mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1998) e doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2004). Pós-doutor em História Medieval na UFRGS. Atualmente, é professor adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) na área de Ensino de História. Professor do Mestrado Profissional em Ensino de História – UFRGS. Pesquisa as relações entre a imaginação e a aprendizagem histórica.

Os leitores encontrarão neste livro quase a soma de todas as possibilidades de abordar questões relacionadas ao ensino de História. Os 47 autores que escreveram individual ou coletivamente os 27 capítulos deste livro permitem-nos compreender o estado da arte em nível europeu e americano em termos de investigação relacionada com o ensino da História, quer o façam da filosofia, da historiografia ou de diferentes abordagens psicológicas. Este livro constitui um material incontornável tanto para os alunos-professores como para os que os acompanham nos primeiros passos da carreira, bem como para os professores em exercício, incentivando visões analíticas e reflexivas sobre o seu trabalho cotidiano em sala de aula. É, ao mesmo tempo, um convite para valer-se dele, para dialogar com ele e a redobrar a aposta e para continuar a produzir na coincidência ou na dissidência criativa e benéfica.

Ana Zavala
Facultad de la Cultura,
Instituto Universitario –
Centro Latinoamericano
de Economía Humana.
Montevideo, Uruguay

**Juliana Alves de Andrade
Nilton Mullet Pereira
(Orgs.)**

Ensino de História e suas práticas de pesquisa

**2ª edição
E-book**



**São Leopoldo
2021**

© Dos organizadores – 2021

Editoração: Oikos

Capa: Juliana Nascimento

Revisão: Rui Bender

Diagramação e arte-final: Jair de Oliveira Carlos

Conselho Editorial (Editora Oikos)

Avelino da Rosa Oliveira (UFPEL)

Danilo Streck (Unisinos)

Elcio Cecchetti (UNOCHAPECÓ e GPEAD/FURB)

Eunice S. Nodari (UFSC)

Haroldo Reimer (UEG)

Ivoni R. Reimer (PUC Goiás)

João Biehl (Princeton University)

Luiz Inácio Gaiger (Unisinos)

Marluza M. Harres (Unisinos)

Martin N. Dreher (IHSL)

Oneide Bobsin (Faculdades EST)

Raúl Fernet-Betancourt (Aachen/Alemanha)

Rosileny A. dos Santos Schwantes (Uninove)

Vitor Izecksohn (UFRJ)

Editora Oikos Ltda.

Rua Paraná, 240 – B. Scharlau

93120-020 São Leopoldo/RS

Tel.: (51) 3568.2848

contato@oikoseditora.com.br

www.oikoseditora.com.br

Este projeto editorial e a reprodução de 200 exemplares foram financiados com recurso da CAPES, destinado aos núcleos UFPE, UFRGS, UFSC, UFMT, UEM e URCA, da rede PROFHISTÓRIA.

E59 Ensino de História e suas práticas de pesquisa. 2. ed. [e-book]. / Organizadores: Juliana Alves de Andrade e Nilton Mullet Pereira – São Leopoldo: Oikos, 2021. 470 p.; il.; 16 x 23 cm. ISBN 978-65-86578-95-9
1. Estudo e ensino – História. 2. Professor – História. 3. Historiografia. I. Andrade, Juliana Alves de. II. Pereira, Nilton Mullet.

CDU 37.02:93

Catálogo na Publicação: Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

Apresentação

À beira do abismo, o que se vê?

À beira do abismo, sentados lado a lado, a pesquisadora e o investigador¹ olham para o horizonte e veem um profundo e gigantesco espaço vazio. Neste momento, cada qual busca em sua memória orientações para enfrentar os desafios que se apresentam. Ambos lembram-se das orientações poéticas do filósofo Silva Miranda ao afirmar que, “quando os abismos aparecem, é hora de se levantar (...)” (MIRANDA, 2015, p. 39). Ao mesmo tempo, retomam os ensinamentos dos saberes e fazeres formulados pelos povos tradicionais e pelas ciências humanas.

Nesse exercício de reflexão, aprenderam que é preciso levantar-se e tornar-se *exploradores do abismo* (VILA-MATA, 2013, p. 9). As pesquisadoras decidiram encarar o abismo. Escolheram saltar. Explorar o espaço desconhecido. A inquietude e a incerteza trazidas pela decisão fazem com que procurem lançar mão, na hora do salto, de um instrumento que as ajude a vencer o abismo. Ao pular, os investigadores escolheram abrir os seus famosos paraquedas coloridos (KRENAK, 2019, p. 46), produzidos por exploradores anteriores, para amortecer a queda e permitir que se veja o abismo sob um novo ângulo.

Logo, estar à beira do abismo lhes permitia ver muitos fenômenos, mas se lançar possibilitava ampliar a perspectiva. E assim fizeram. É preciso deixar-se levar na aventura de explorar o abismo. É, nesse sentido, que o livro lhes oferece histórias dos que se tornaram *exploradores do abismo*.

Escolhemos iniciar a nossa apresentação usando a metáfora do *abismo* e dos *paraquedas coloridos*, inspirados nas autoras que pensam os espaços e suas fissuras, ou seja, naquelas que chamam atenção para os deslocamentos realizados no campo, quando se perde a confiança nas certezas propagadas pelos métodos quantitativos e se abandonam os recortes, objetos, noções, categorias e modelos interpretativos clássicos. Diante do legado das ciências sociais e ciências humanas, que têm como marca grandes modelos explicativos (métodos quantitativos ou qualitativos), o nosso movimento é marcar posição e pontuar as questões que afetam a pesquisa em Ensino de História como campo de produção do conhecimento.

Para nós, dizer que estamos à beira do abismo é afirmar que falamos de um lugar, que tomamos uma posição no campo para refletir sobre as condições de produção e circulação do conhecimento sobre o Ensino de História. Essa metáfora nos permite pensar que o Ensino de História é um campo de infinitas dimensões e que, justamente por isso, nos oferece inúmeras possibilidades de encontros e de diálogos.

Nesse sentido, o livro consegue expressar o sentimento político e epistêmico que permeou a organização da coletânea de textos. Já que a intenção é caminhar para além de uma perspectiva que preze pela “articulación canónica aprender/aplicar/cambiar” (ZAVALA, 2019, p. 109). Na verdade, os leitores encontrarão relatos de experientes pesquisadores e seu encontro com o abismo. Com isso ressaltamos que os instrumentos, os conceitos, as fontes e os métodos apresentados no livro não devem ser tomados como um modelo universal, mas como percursos epistemológicos e metodológicos singulares, que os investigadores usaram perante seus desafios.

Apresentamos às novas pesquisadoras e demais interessadas nos problemas do campo do Ensino de História o mundo cintilante de pessoas que pesquisam no Brasil o ensino e a aprendizagem em História, não todas, é bem verdade, pois há muito aí fora. Aproveitamos esse momento e pedimos licença aos encantados que protegem os caminhos da liderança indígena como Ailton Krenak para usar seus ensinamentos, já que o livro usa uma metáfora inspirada em Krenak, que nos oferece estratégias para enfrentar o abismo.

Com isso, nesta coletânea, o homem branco e heterossexual deixa de ser o modelo a partir do qual as pessoas e os povos são julgados, as histórias são contadas e os seres do mundo são moralizados e entristecidos. Esse homem do lucro e da mercadoria torna o mundo triste. Por isso Krenak nos oferece, em seu lugar, histórias ainda não contadas, mas muitas histórias, de muitos povos, de muitos lugares, de muitos gêneros, de muitos “quase humanos”. Histórias para adiar o fim do mundo.

Oferecemos um livro, portanto, para produzir encontros alegres e potencializadores da vida, para que se possa ampliar as possibilidades de viver e sobretudo de deixar viver, de escutar os rumores das diferentes histórias que a colonialidade calou. É para ser lido como um conjunto de forças que criam novos mundos ao pensar sobre nossas relações com o passado, mas sobretudo ao pensar e problematizar as relações que temos estabelecido com as pessoas e com a natureza.

O livro de **Ensino de História e suas práticas de pesquisa** apresenta um conjunto de textos com as principais perspectivas teórico-metodológicas da pesquisa em Ensino de História. Nossa intenção é apresentar aos professores/pesquisadores da Educação Básica e demais estudantes interessados na pesquisa em Ensino de História histórias que relatam os caminhos percorridos para produzir seus projetos de pesquisas, dissertações e teses. Para isso, a coletânea oferece uma série de reflexões produzidas por pesquisadoras do campo da Teoria da História, Historiografia e Ensino de História.

Com a consolidação do campo do Ensino de História no país nos últimos trinta anos e a expansão do Mestrado Profissional Ensino de História, oferecido em rede, questões de ordem epistemológica e metodológica começam a surgir nas salas de aula, sobretudo no que tange à construção dos projetos de pesquisa, como por exemplo: Como a professora pode investigar sua própria prática? Quais referências devem ser utilizadas para problematizar essas práticas? Que tipo de fonte utilizar para discutir o ensino e a aprendizagem de História? Como contar as histórias ainda não contadas? Assim, buscando responder essas e tantas outras questões, reunimos um grupo de pesquisadores para apresentar ao público um livro sobre teoria e metodologia da pesquisa em Ensino de História.

Conforme pontuamos inicialmente, a leitora precisará estar desarmada de conceitos, marcadores e preconceitos para poder saborear os diferentes gostos que procuram, em todos os casos, ultrapassar a linha da colonialidade, os muros das estruturas rígidas do patriarcado, do racismo e da desigualdade social e criar em um mundo e em um tempo presente áspero e duro, permitindo-nos imaginar outros futuros.

Os textos que o leitor encontrará não são objetos de uso fácil ou de mera contemplação; são escritos de vidas que se alongam no tempo, sempre coletivamente, a pensar o ensino e a praticar as lutas sociais que enfrentamos historicamente neste país, dos quais professoras e professores de História são sujeitos nas ruas ou em suas salas de aula de História. Logo seus textos são depoimentos de experiências da luta democrática, antirracista e antipatriarcal. Tais experiências deram-se sempre diante e com o abismo, com uma desconfiança do lugar que essas autoras e esses autores ocupam, com a problematização do tempo em que vivem/viveram. São textos que, como desenhos nas folhas deste livro que ora apresentamos, cintilam, são rastros dessas histórias/forças, dessas trajetórias/potências, singularidades que sobrevoam o tempo, multiplicando o pensamento e a crítica.

É assim que, neste livro, o leitor não encontrará metodologias definitivas ou definidas como regra da primeira até a última página, mas encontrará a multiplicidade, a infinidade. Nunca o tom inequívoco e fácil de uma proposição qualquer, mas o rigor de vidas que se propõem a pensar, pesquisar e ensinar História. E, ao fazer isso, fazem-no com percursos metodológicos diversos, rigorosos, mas nunca engessados, pois são forças produzindo mais vidas, ampliando nossa problematização do presente e nossa imaginação do futuro.

Ao ler este livro, esperamos que a leitora pense sobre como estamos acostumados a um tipo de humano e a um tipo de existência, como diz Krenak, que tem produzido nossos modos de relação no mundo. Será preciso – e modestamente sugerimos este livro como ponto de partida – perder-se dessa imaginação de mundo e de existência que conhecemos e a partir da qual vivemos, deixando-nos perder numa vertigem que apresenta diante de nós o abismo: “Quem disse que a gente não pode cair? Quem disse que a gente já não caiu?”, lembra-nos Krenak (2020, p. 31).

Os textos que aqui foram organizados devem ser lidos de forma independente. Em linhas gerais, o livro foi escrito por pesquisadoras de diferentes regiões do país, haja vista o grande número de perspectivas teórico-metodológicas que orientam os trabalhos de pesquisa no campo. Para efeito de organização do debate, estruturamos as narrativas em quatro partes.

Na Parte 1, intitulada **Questões Epistemológicas da Pesquisa em ensino de História**, os pesquisadores apresentam reflexões sobre os pressupostos que fundamentam os estudos e as pesquisas desenvolvidas no campo do Ensino de História, trazendo um debate sobre educação histórica, construtivismo, filosofia da história, historiografia acadêmica e historiografia escolar. Já na Parte 2, intitulada **Estratégias metodológicas das pesquisas em ensino de História**, apresentam os percursos metodológicos percorridos por diferentes pesquisadores, usando a etnografia, a perspectiva dos métodos quantitativos, História Oral e Análise de Conteúdo.

Na Parte 3, intitulada **Fontes de pesquisa para a pesquisa em ensino de História**, os autores preocuparam-se em discutir narrativas nos espaços, jogos, provas, memórias, cinema, história digital como fonte de pesquisa para o campo do Ensino de História. Na Parte 4, que trata dos **Novos temas e antigos problemas de pesquisa**, as pesquisadoras problematizam os problemas de pesquisa e seus respectivos objetos, como: livro didático, Ensino de História e direitos humanos, Ensino de História e ditadura militar, Ensino de História e jogos. Sem dúvida, cada capítulo oferece ao leitor uma análise das

fontes propriamente ditas e, conseqüentemente, da metodologia utilizada pelos pesquisadores em seu contato com os diferentes fenômenos.

Com isso agradecemos aos coordenadores e às coordenadoras dos núcleos do Profhistória das universidades federais e estaduais: UFPE, UFRGS, UFMT, UFSC, UEM e URCA, que acreditaram nesse audacioso projeto de narrativas sobre percursos realizados pelos exploradores. O apoio institucional e financeiro para que essas histórias fossem contadas foi imprescindível.

Por fim, gostaríamos de dizer, usando as palavras de Mia Couto, que toda a produção intelectual é igual a um colar: “ninguém nota o fio que, em colar vistoso, vai compondo as missangas” (COUTO, 2009, p. 03), ou seja, os artigos presentes nesta coletânea são os colares vistosos da área do Ensino de História; ao mesmo tempo, seus autores preocuparam-se em mostrar os fios que tecem a trama das pesquisas (colares) sobre como se ensina e se aprende História, logo apresentam como cada um explorou o abismo.

Referências

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.
- COUTO, Mia. *O fio das missangas: contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- KRENAK, AILTON. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MIRANDA, Silva. Por Dentro do Abismo (Poesia). In: *Rodapés do abismo*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2015.
- MOREIRA, Marco Antonio Moreira. *Metodologias de Pesquisa em Ensino*. São Paulo: Editora Livraria Física, 2011.
- VILA-MATAS, Enrique. *Exploradores do abismo*. São Paulo: Cosacnaify, 2013.
- ZAVALA, Ana. *Enseñar Historia: Elementos para una teoría práctica de la práctica de la enseñanza de la historia*. Montevideo: Editora Banda Oriental, 2019.

¹ O uso da linguagem inclusiva no texto se faz necessário. Estamos aprendendo um modo de fazer isso. Sabemos que a linguagem binária não é o suficiente, entretanto, neste momento de aprendizagem, optamos por usar, de modo intercalado, os gêneros masculino e feminino, dando um peso maior para este último.

Este é um livro que reúne anos de pesquisa sobre o Ensino de História no Brasil. Este texto é único na América Latina. Os posicionamentos teóricos do livro cobrem uma ausência notável e demonstram a importância desse tipo de trabalho para compreender, repensar e atualizar a pesquisa no ensino de História dentro e fora da escola. Da mesma forma, há uma intenção deliberada de discutir problemas metodológicos na pesquisa, o que mostra que, no Brasil, esse campo pode ser considerado consolidado como parte da pesquisa educacional contemporânea. Além disso, o livro oferece referências empíricas diversas e inovadoras para a pesquisa. Por fim, abrem-se novos caminhos para pensar e investigar o ensino de História, repensando as diferentes disciplinas de estudo e extrapolando os limites da escola. Este livro será, sem dúvida, uma referência obrigatória para quem deseja aprofundar-se na pesquisa contemporânea no Ensino de História não apenas no Brasil, mas em toda a América Latina.

Sebastián Plá

Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)



ISBN 978-65-86578-95-9

